

Santa Teresa luta para preservar a história

Colatina - Sucursal - Um pedaço da Itália dentro do Brasil. A história dos imigrantes italianos que chegaram ao Estado em 1875 mantém seu registro em Santa Teresa, a cidade Beija-Flor do Espírito Santo. Preservar a história do município, acompanhando a evolução dos tempos, tem sido a prioridade do poder público e dos moradores, que lutam para manter a cidade com as mesmas características que tinha quando teve início sua colonização.

Para manter viva a história teresense, todos os habitantes se uniram na luta para preservar seu casario. A secretária municipal de Meio Ambiente e Turismo, Zélia Judith Loss, conta que mais de 100 imóveis estão protegidos por causa da aprovação, há três anos, do Plano Diretor Urbano (PDU), que definiu como seria desenvolvido o progresso da cidade, preservando sua história.

Conservação

Zélia destaca que o PDU impede qualquer modificação nas casas que compõem o projeto arquitetônico, que simbolizam a colonização de Santa Teresa. "As pessoas que moram nestas casas não podem fazer alterações que modifiquem as características originais. Nenhuma porta pode ser trocada", enfatiza. Além do PDU, ela diz que para "fortalecer mais ainda a corrente de preservação" está sendo elaborado o projeto de tombamento das casas.

Conforme explica, primeiramente deverá ser criado o Conselho Municipal de Cultura. Este órgão é que fará o levantamento da história de todo o casario do município e, após a conclusão deste trabalho, terá início o processo de tombamento. "Estamos mobilizados na criação deste conselho. Ele terá poderes para promover o tombamento destas casas antigas. O que será mais um instrumento a nos permitir manter viva a história do

A secretária municipal de Meio Ambiente e Turismo, Zélia Judith Loss, informou que mais de 100 imóveis já estão protegidos por causa da aprovação do PDU

NELSON GOMES

Reprodução - Nelson Gomes



Fotos de Nelson Gomes

enxaiméis e fasquias de madeira. A secretária relata que o complexo universitário Univix, o Centro Educacional Leonardo da Vinci e os Institutos Geográficos do Espírito Santo e de Santa Teresa estão unidos para restaurar a Casa dos Lambert.

A capela de Nossa Senhora da Conceição, que fica em frente a casa, construída pela família em 1899, foi restaurada. No altar há uma imagem da santa, esculpida em madeira pelos irmãos Vigílio e Antônio Lambert, que utilizaram em seu trabalho apenas um canivete. O padre Marcelino D'Agnadello foi quem celebrou a primeira missa na capela, no mesmo ano de sua construção. "Para contar a história de Santa Teresa é fundamental que se preserve a casa da família Lambert", salienta Zélia Loss.

Rua

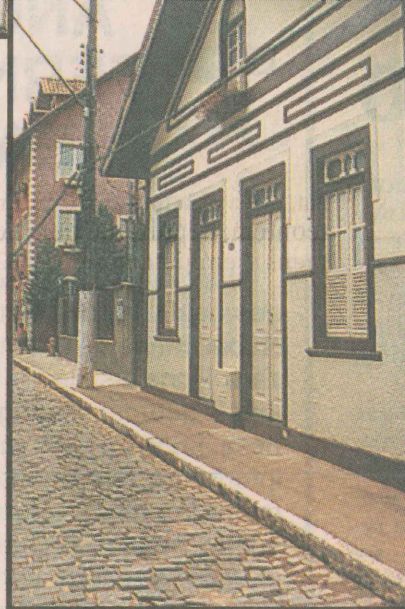
Outro local que vem merecendo atenção especial é a Rua Coronel Bonfim Júnior, também no centro. Esta foi a primeira rua da cidade, aberta no começo do século passado. Todo o seu casario foi mantido. Para garantir sua preservação, os teresenses se uniram e criaram a Associação dos Moradores da Rua Coronel Bonfim Júnior. "A criação da associação foi uma forma que encontramos para manter uma vigilância constante e, com isso, impedirmos qualquer tipo de alteração em seu casario", destaca o vice-presidente Alvaro Zamprogno.

Ele conta que até a manutenção das casas vem sendo dividida entre os moradores. "Queremos ter certeza de que as novas gerações irão conhecer a história de Santa Teresa como ela realmente é e não apenas através de fotos", frisa. Zamprogno diz que a associação só está tendo dificuldades em conscientizar alguns lojistas da rua, que anunciam suas lojas, colocando placas chamativas em frente aos seus estabeleci-

o Conselho Municipal de Cultura. Este órgão é que fará o levantamento da história de todo o casario do município e, após a conclusão deste trabalho, terá início o processo de tombamento. “Estamos mobilizados na criação deste conselho. Ele terá poderes para promover o tombamento destas casas antigas. O que será mais um instrumento a nos permitir manter viva a história do município”, acentua Zélia.

Ela lembra que já está tombada, pelo Patrimônio Histórico do Conselho Estadual de Cultura, a casa da família Lambert, localizada no centro. Foi neste local que começou a colonização de Santa Teresa, em 1875. É uma casa de estuque, com paredes feitas de barro e areia, com

Fotos de Nelson Gomes



TRADIÇÃO

Os moradores querem que Santa Teresa (acima) mantenha ao máximo as características da época da sua fundação, a exemplo do que ocorre com a casa da família Lambert (D), da capela de Nossa Senhora da Conceição e da Rua Coronel Bonfim, que chegou a ganhar uma associação específica para cuidar da sua conservação

ção das casas vem sendo dividida entre os moradores. “Queremos ter certeza de que as novas gerações irão conhecer a história de Santa Teresa como ela realmente é e não apenas através de fotos”, frisa. Zamprognio diz que a associação só está tendo dificuldades em conscientizar alguns lojistas da rua, que anunciam suas lojas, colocando placas chamativas em frente aos seus estabelecimentos, trazendo um conflito entre o antigo e o moderno.

“Estamos tentando fazer com que estes comerciantes substituam as atuais placas por outras feitas de maneira artesanal. Muitos já aceitaram a idéia e fizeram a alteração. Com certeza, vamos conseguir convencer os lojistas que ainda resistem a esta mudança”, acrescenta.

Maioria italiana impõe costumes

A colonização de Santa Teresa começou em 1875, com a vinda de imigrantes italianos, trazidos pela expedição Tabachi. Dois anos depois começaram a chegar também imigrantes alemães, suíços e poloneses. Porém, o grande número de italianos que já habitavam o município acabou fazendo com que na cidade se sobressaíssem, até hoje, os costumes, folclore e a arquitetura representativa de seu povo.

Santa Teresa, no início de sua colonização, era administrada por Santa Leopoldina. Sua emancipação foi conquistada em 22 de fevereiro de 1891. No entanto, o festejo principal dos teresenses ocorre no dia 26 de junho, porque nesta data, em 1875, foi feito o sorteio dos lotes coloniais entre os pioneiros italianos. A data é comemorada como o dia de fundação do município.

Curiosidade

Conforme a história, há uma versão curiosa para o nome da cidade. Consta que uma devota, no início da colonização, possuía um quadro de Santa Teresa de Ávila. Em torno da imagem da santa os moradores se reuniam para rezar na hora do Ângelus. Há outras versões para a origem do nome da cidade, mas a que acabou aceita foi esta. O quadro se en-

contra no Museu Seraphicum São Francisco de Assis.

No local onde os moradores faziam suas orações foi erigida, alguns anos mais tarde, a Igreja Matriz de Santa Teresa. Os sinos da igreja foram doados por Dom Pedro II. No mesmo local foi erguido um marco, comemorando os 50 anos de fundação do município. Na parede da igreja foi fixada uma placa com os nomes de todos os imigrantes que deram início à colonização do município.

Não há como contar a história de Santa Teresa sem falar da primeira escola do município. No dia 21 de outubro de 1901, foi fundada, por freis capuchinhos, a Scuola Parrochiale, que ainda está em atividade. Segundo narra o frei José Corteletti – que foi aluno, professor e diretor –, o objetivo da escola era alfabetizar os filhos dos imigrantes italianos. No primeiro ano de funcionamento foram matriculados 20 alunos. “Seria um número maior se houvesse dependências aptas e meios suficientes para instruí-los”, acentua o religioso.

Também não se pode falar deste município serrano sem citar seu filho mais ilustre, o naturalista Augusto Ruschi, reconhecido nacional e internacionalmente pelos trabalhos de pesquisas desenvolvidos em favor do meio ambiente. Dentro da chácara

de sua família foi construído o Museu Mello Leitão, importante centro de botânica e zoologia, localizado próximo ao centro de Santa Teresa. Ruschi, em suas pesquisas, se destacou também na catalogação de beija-flores e este pássaro passou a ser o símbolo do município.

A história de Santa Teresa está presente ainda na memória de seus moradores mais antigos. O comerciante Attilio Bringhenti, de 84 anos, e sua mulher Angélica Biasitti Bringhenti, 80, se emocionam quando falam do passado. Attilio lembra que seus avós chegaram a Santa Teresa no início do processo de colonização. Seu avô, Tito Bringhenti, sofreu um acidente e morreu quando preparava o terreno onde construiria sua residência.

“Acompanhei boa parte do desenvolvimento de Santa Teresa. Espero que este desenvolvimento continue de forma ordenada. É fundamental que os administradores municipais realizem seus projetos sempre preocupados em manter as principais características de Santa Teresa”, acentua, emocionado, o comerciante. Sua mulher acrescenta: “Nós amamos Santa Teresa e queremos que ela continue com este seu jeito acolhedor, que encanta moradores e visitantes”.



EMOÇÃO

Attilio Bringhenti, de 84 anos, e sua mulher Angélica Biasitti Bringhenti, 80, se emocionam quando falam do passado. Na Matriz, uma placa homenageia os pioneiros. A Scuola Parrochiale, que data da fundação, ainda está em atividade.

